

Apresentação do Dossiê

Religião e Literaturas Contemporâneas de Língua Portuguesa

Alex Villas Boas
José Rui Teixeira
Marcio Cappelli
Marcos Lopes

Recentemente, por ocasião da morte de Eduardo Lourenço, Carlos Reis lembrou de uma passagem do diário desse importante intérprete da cultura portuguesa: “Gostaria de viver num convento onde o superior fosse Álvaro de Campos. Em lugar de nos perdermos na contemplação de Deus, adoráramos noite e dia a sua Ausência”. Não obstante o longo processo de emancipação da arte em relação à religião, aqui, a passagem em que Lourenço alude ao heterônimo pessoano, além de ser uma pequena homenagem a este crítico de vocação humanista, mostra que, no mínimo, mesmo de maneira fraturada, a ideia de uma transcendência – ou do vácuo deixado por ela – não está de todo liquidada para a compreensão de certas expressões literárias. Até em alguns escritores em que a perda de uma inteligibilidade metafísica do mundo parece ser determinante, é possível perceber o confronto com uma alteridade ou com o seu rastro.

Ora, se, por um lado, o eixo axiológico da experiência literária deixa de ser, em certa medida, religioso na esfera do que seria uma sociedade secularizada, por outro, assistimos, se não devido a um “retorno do sagrado”, mas, talvez, em função de processos de subjetivação das crenças, à transformações que engendraram novas e complexas relações com o capital simbólico das religiões. Se ainda é possível, para citar um poeta

contemporâneo de língua portuguesa, José Tolentino Mendonça, “encontrar Deus/ pelos baldios”, isto não se dá sem a consciência exígua de que “Deus não aparece no poema/apenas escutamos a sua voz de cinza/ e assistimos sem compreender/ a escuras perícias”.

Tal compreensão nos ajuda a repensar ideias ingênuas e absolutas sobre a função e a autonomia da literatura. Isto é, nos auxilia a evitar balizas extremadas e que não levam em conta a pluralidade do fenômeno artístico. Ainda que, diferentemente de discursos teológicos, a literatura não esteja necessariamente preocupada com a elaboração de um sistema de preceitos, ela pode estar ligada à uma herança religiosa, mesmo que para esgarçá-la. Novamente, os versos de outro poeta, Ruy Belo, sintetizam com agudez o que estamos afirmando: “mesmo ao falar de deus eu me esqueço de deus”.

Os textos reunidos neste dossiê, que ora o leitor tem diante de si, procuram justamente dar conta do desafio de pensar de modo crítico as relações entre religião e literatura em autores e autoras que escreveram em língua portuguesa.

O primeiro artigo, *O deserto, a sede, a vida: diálogo entre a teologia e a poesia de João Cabral de Melo Neto*, de Maria Clara Bingemer, faz uma incursão pelo conhecido poema épico, *Morte e Vida Severina*, do autor brasileiro cujo centenário foi celebrado neste ano de 2020. A partir da aproximação do poema a textos bíblicos, tendo como chave o deserto e a sede, a autora abre sendas críticas, sem cair numa apropriação religiosa apressada da poesia, para o diálogo entre teologia e literatura.

Em seguida, *Saudade do Céu: Sobre o rumor da transcendência na poesia de Guilherme de Faria*, de José Rui Teixeira, mostra como o poeta português elaborou uma poesia densa e perpassada pelo desejo de uma redenção. O autor do artigo procura pensar os poemas em consonância com aspectos da vida do escritor, sobretudo o seu suicídio e ressalta que, mais do que qualquer outra coisa, ele deveria ser interpretado à luz de sua poesia como uma aposta na misericórdia de Deus.

Ceci Baptista Mariani, em *Das fontes ao anseio de justiça: contemplação poética e mística em Sophia de Mello Breyner Andresen*, evocando a compreensão do teólogo Karl Rahner, para quem a palavra poética pode ser uma espécie de fenda linguística habitada pelo Mistério Inefável, empreende um trabalho crítico que procura identificar nos poemas de Sophia, sem fazer uma sobreposição abrupta entre o discurso literário e a teologia da revelação, a presença de uma “Mística de Olhos Abertos”.

O artigo de Luís Maffei, *O Eclesiastes de Adília, o de Camões*, se caracteriza por sublinhar o fato de a Bíblia ser um intertexto fundamental da poesia portuguesa. Apresenta a relação que o autor d'*Os Lusíadas* e a poeta contemporânea mantêm com o Coélet e como, através do jogo poético, as ideias de sabedoria e vaidade são trabalhadas. Mais: destaca que as escritas de Adília e Camões realizam um movimento de identificação com Jesus Cristo – mediador entre poesia e Antigo Testamento.

Já o gesto crítico de Alex Villas Boas, no texto *A cegueira pandêmica como metáfora de época*, se delinea a partir da relação entre literatura, ética e religião. Neste sentido, o autor lê o momento atual de pandemia à luz do romance *Ensaio sobre a Cegueira*, do escritor português José Saramago, em diálogo com a perspectiva lacanianiana da alteridade. Além disso, realça a importância de uma hermenêutica teológica para, no cruzamento dessas referências, refletir sobre a condição de crise social, política, econômica, religiosa e cultural contemporânea.

Joe Marçal dos Santos e Ivanilton Aragão de Moura desenvolvem uma análise do Sensacionismo da estética modernista do poeta Fernando Pessoa em diálogo com a teologia da arte de Paul Tillich. Ao longo do percurso argumentativo, examinando o *Manifesto Sensacionista* e uma série de poemas heteronímicos do escritor português, os autores problematizam o significado existencial-religioso do modernismo de Pessoa na perspectiva da teologia de Tillich.

O artigo de Bruno de Carvalho Rocha e Marcio Cappelli aborda alguns aspectos referentes ao desenvolvimento do mito em *Sobrevivendo no inferno*, dos Racionais MC's. Procura distinguir a trajetória do rap brasileiro em três blocos históricos: (1) até os anos 1989, (2) 1990-1999 e (3) de 2000 em diante. Salientando a centralidade do mito no rap e deste enquanto literatura oral urbana, busca pensar a importância da religião para a compreensão da obra dos Racionais MC's, que, segundo a compreensão dos autores, possui uma cosmogonia periférica.

Weverton Castro e Cesar Martins de Souza assumem a tarefa de pensar sobre as relações textuais entre a Bíblia e a literatura de Machado de Assis apoiados na teoria da transtextualidade de Gérard Genette. Num primeiro momento, o artigo se detém na apresentação da teoria de Genette, suas divisões e subdivisões e, em seguida, reflete sobre esses conceitos nas obras machadianas mostrando como o escritor brasileiro realiza sua arte em interlocução ostensiva com os textos bíblicos.

A reflexão de Josias da Costa Junior, em *A dimensão religiosa na obra Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, partindo da referência teórica da Teologia da Cultura, de Paul Tillich, sua compreensão de religião como preocupação suprema e a noção de demônico e oferecendo destaque aos procedimentos linguísticos e narrativos da autora, fornece novas chaves hermenêuticas para o diário desta autora que tem sido considerada como uma espécie de precursora da literatura marginal da periferia.

Por fim, Jefferson Zeferino, Marcio Luiz Fernandes e Ana Beatriz Dias Pinto relacionam a poesia de Dom Pedro Casaldáliga com a imagética de seu confrade claretiano Maximino Cerezo Barredo e observam, fundamentados nas reflexões escatológicas do teólogo luterano Vítor Westhelle, a teologia da cruz que subjaz sua obra. O resultado é a apresentação das ressonâncias de uma escatologia espacial-martirial como nas produções desses autores.

Sublinhamos ainda a pluralidade do dossiê, que concentra pesquisadores de diversas instituições do Brasil e de Portugal das áreas dos estudos literários, ciências da religião e teologia: PUC-Rio, UCP, PUC-Campinas, UFF, UFS, UMESP, UFPA, UEPA, PUC-PR. Além disso, há diversidade também nos/as autores/as abordados/as e nas expressões literárias estudadas: conto, romance, poesia e canção.

Desejamos uma boa leitura!